

Os cisnes e a solidariedade



JOSÉ SARNEY

Senador do Amapá
pelo PMDB,
foi presidente
da República

obedecidas ou ela respeitada como instituição reguladora das relações internacionais.

Os Estados Unidos, surgindo então como única e incontestável potência mundial, logo estabeleceram suas diretrizes para o mundo unipolar. A primeira delas foi a de que acima de qualquer interesse global prevalecia o interesse particular daquele país. Isso, em face da fragilidade da ONU e da inexistência de contestação ao poder americano, na prática dava a estes o gerenciamento dos problemas do futuro da humanidade. Isso, de certo modo, tinha um lado positivo. Alguns desses problemas necessitavam de vigilância impostergável.

Quais seriam esses problemas? Primeiro, a proliferação de armas nucleares. Não havia maior perigo imediato do que a anarquia nesse setor. Os países que dominavam a tecnologia passaram a ser membros de um clube fechado. O Tratado de Não-Proliferação de Armas Nucleares

seria assinado por todos os outros países do mundo, sujeitos a controle e fiscalização. Realmente, enquanto existir uma ogiva nuclear na face da terra, a humanidade está em perigo. Outro problema era o dos vetores, isto é, dos foguetes que transportam essas armas e que completam o ciclo da ameaça nuclear. A seguir armas químicas e biológicas, meio ambiente, efeito estufa, crime organizado, terrorismo, narcotráfico, pandemias e doenças desconhecidas.

Ora essa última era *last but not least*. Uma das formas de extinção do gênero humano, que vive de mutações através das eras, poderia ocorrer no nosso DNA, no código genético, o que é uma das preocupações dos cientistas que olham as estrelas e o tempo futuro.

Das doenças desconhecidas muitas aparecem e necessitam de uma mobilização a nível mundial. A maior delas foi a Aids, que junta o amor e a morte na sua ori-

gem, por sua transmissão durante o ato de procriar.

Agora estamos enfrentando a gripe aviária. É grave e nos dá seu primeiro impacto na imagem dos cisnes mortos. O perigo está, dizem os especialistas, numa mutação viral que faça com que o vírus transmita-se de pessoa a pessoa, o que seria uma tragédia para o mundo, certamente com a disseminação de milhões de pessoas.

Isso vem demonstrar o ponto central do destino humano. Estamos condenados a viver juntos e a juntos enfrentarmos os perigos. Melhor seria que juntos desfrutássemos todos da riqueza. O caminho do futuro é o da solidariedade. Como se diz na cerimônia litúrgica do casamento, "na saúde e na doença, na alegria e na tristeza" e, como acrescenta o padre Hélio, do Maranhão, numa versão popular, "na farinha e no peixe frito, na ponta da faca e no foguete".

Que o frango nos ajude a juntos fugir da morte e desfrutar da vida.

Há alguns anos, participei em Querétaro, no México, de uma reunião de ex-presidentes, para fazermos uma reflexão sobre os problemas do futuro da humanidade. Nossa visão era de que o final da Guerra Fria, com a queda do muro de Berlim, abria um horizonte de um grande e definitivo período de paz, em termos globais, embora permanecessem os conflitos regionais, muitos deles graves e desestabilizadores.

Então, arrolamos alguns dos problemas que necessitam de uma gerência mundial, feita pelas Nações Unidas, se esta já tivesse alcançado um estágio de poder que fizesse suas decisões